Um ano depois: que Imprensa temos?

QUANDO, a 25 de Junho do ano passado, saiu o Decreto-Lei 281/74, a instituir a Comissão ad-hoc para a imprensa, rádio e televisão e regulamentando a respectiva actuação, correspondeu ele à primeira — provisória, embo-ra longa — tentativa de meter nos ra longa — tentativa de meter nos carris uma imprensa que poderia então parecer uma ameaga potencial ao desenrolar pacífico do processo inaugurado a 25 de Abril. Reconhecida que lhes foi, de um dia para o outro, a maioridade, vemos os meios de comunicação entregarem-se tódos a úma euforia entregarem-se todos a uma euforia de informação (afirmação) que compensava o que tinha de imaturo, impensado, não filtrado com

um tom triunfante, desinibido e li-

bertado que não deixava de cair bem à maioria dos portugueses durante anos silenciosa à lorça mas Há, de facto, naquelas semanas de Maio, um amontoado in-discriminado de informação, em que as noticias importantes ladeiam com boatos, os comunicados individuais e sem significado com manifestos de grupos númerosos, mantiestos de grupos numerosos, os adjectivos perdem o significado ou adquirem um novo, A verdade é que há muito, mesmo, para nuticiar nesses dias. Em quase todos os jornais se assiste a uma movimentação — embora de caracteristicas e de amplitude diversas — desde os primeiros dias versas — desde os primeiros dias

versas — desde os primeiros días de Maio. No "Diário de Lisboa" — tra-No "Diário de Lisboa" — tradicional e prestigioso orgão de oposição ao fascismo — a redacção liderada pelo seu sector desde sempre mais politizado, decide logo no dia 2 ocupar as instalações da Rua Luz Soriano, acabando assim com a separação entre a redacção e os restantes serviços, iniciativa que se devia a Lopes Souto ("homem forte" que dominava todos os sectores do Souto ("homem forre" que dominava todos os sectores do jornal, acumulando funções de administrador e de chefe de redacção), ao mesmo tempo que exigem o saneamento deste. Denunciam o seu "oportunismo em matéria política" que levou a que houvesse, antes do 25 de Abril censura interna e que desois ela censura interna e que desois ela censura interna e que depois ela continuasse a existir, tendo sido "proibido aos jornalistas tomarem qualquer posição face ao Mo-vimento e aos acontecimentos mais significativos que se lhe seguiram."
Pretendem também os jornalistas ter um director profissional, chefe de redacção eleito, propondo ao mesmo tempo que se eieja um conselho de redacção e uma

comissão coordenadora de todos os sectores da empresa. Obtêm o acordo da administração para às suas resindicações que vão, como se vê, no sentido de obter o controle da partida do controle da acordo. da gestão jornalistica para a re-dacção, com total independência em relação à administração. em relação à administração. Apenas duas ressalvas: que Ruella Ramos fique director (o que a re-dacção acabou por aceitar "com agrado") e que fique bem explícito que a retirada de Lopes do Souto das suas funções redactoriais (que, segundo o comunicado da re-dacção eram apenas "de censor do material elaborado") não tinha que ver com atitudes suas "de natureza ver com atitudes suas "de natureza suas "de natureza". ver com atitudes suas "de natureza política ou ideológica". Assim se disse e assim se foi. Para addisse e assim se foi. Para administrador, pois só mais tarde, em
novo plenário, seria delinitivamente irradiado do jornal,
embora cóntinuando, com a
lamilia Ruella Ramos, proprietário
de uma parte na sociedade.
Simultânea com a luta do
"Diário de Lisboa" assiste-se no
"Diário Popular" (dia 3) à luta
dos directores (Martinho Nobre de
Melo), e de Brás Medeiros
passando Manuel Magro a director

dos directores (Martinho Nobre de Melo), e de Brás Medeiros passando Manuel Magro a director interino: procede-se igualmente a uma eleição de Conselho de Redacção — que nunca virá a ter grande influência devida à composição amorfa da redacção — e cria-se imediatamente uma Comissão de Trabalhadores, integrando todos os sectores da empresa, a qual terá, desde o início, um papel fundamental no início, um papel fundamental no

empresa, a qual terá desde o início, um papel fundamental no deserrolar do processo de luta.

Também na "A Capital" (dia 1) se saneiam director e Subdirector, elege-se, Conselho de Redação—que confirma R. Iriarte na che que confirma R. Iriarte na chefia. No "Seculo", ao mesmo tempo que se elege um Conselho de Reducção, de esquerda "não-alinhada", constitui-se uma comissão ad-hoc que convoca o 1,º Plenário onde se anossenta um junto gadema sei apresenta un vasto caderno reivindicativo, parte do qual vem já
de antes do 25 de Abril o que
constitui uma excepção. Além de
constitui uma excepção. Além de
se exigir o saneamento da Administração que impede a sua
Figueira, pretende-se uma revisão
da tabela salarial e a participação
crítica de todos os trabalhadores
na orientação do jornal. As reivindicações apresentadas em dois
plenários não agradam à administração que imoede a sua
publicação no jornal acabando,
perante a insistência da Comissão
de Trabalhadores, entretanto
formada, por declarar o apresenta um vasto caderno rei formada, por declarar o "lock-out", proibindo a saida do

Tal atitude leva parte dos tra-balhadores (os do turno da manha que se seguiu ao que saira, en que se seguru ao que saira, em virtude do lock-out) a responder

com decisão de não retomar o tra-balho, entrando-se assim num périodo de quase uma semana de suspensão, com duplo carácter de greve e de "lock-oui" todo premehido com plenários inin-terrumos, a nue sestano com preterruptos, a que assistiam centenas

de pessoas, muitas exteriores ao de pessoas, mutas exteriores ao jórnal, com o interesse de quem reconhecía que se passava qual-quer coisa de altamente signi-licativo e aínda desconhecido entre nôs. Das confrontações havidas

nesse periodo dependeu muito do nesse periodo dependeu muno no que viria a ser o futuro ambiente interno do jornal. No "Diário de Noticias", procede-se inte-diatamente ao sancamento da administração (Ulisses Cortez.

Esteves Fonseca, Vitória Pires, João Esteves Fonseca, Vitória Pires, João Diniz, sendo estes dois áltimos reintegrados, dias depois, á falta de melhor...l. Quando se trata, no entanto, de sanear o director Fernando Fragoso e o chete de redacção João Coiro — ambos áltimente comprometidos com o tamente comprometidos com regime anterior - a redacção



por ser sancados por decisão geral dos trabalhadores más com o desacordo da redaceão que, ao longo do processo, se reseluia sempre em oposição aos 112-balhadores dos outros sectores.

Na "República" o movimeno que se desencadera é a longo prazo e com outras extracteristicas, devido à homogeneidade da son esquipa. processo quase simultáneo em-todos os jornais, mas um carac-terizando-se por um predominio da actuação da redacção no interior

da qual se processam lutas e inicia-tivas (Diário de Lisboa), com uma redacção dividida mas activa. Capital com uma equipa antifascista,

não-partidárias; outro Diario Popular) em que a luta unitária dos trabalhadores (sector activo da Redacção com outros sectores) passa imediatamente a comandar tudo:

redacção tenta uma luta unitária de trabalhadores, desapoiado por outra parte da redacção; final-mente, o **Diario de Noticias**, em que a redacção se mantêm até ao fim alheada das lutas que, no entanto os trabalhadores dos outros sectoos trabalhadores dos outros secto-res não desistem de levar avante, Depois, a República em que só quando o jogo partidário cá fora atinge o seu pleno, começa a ser atingida por ele, passando-se então a luta, não a nível de reivindicações

salariais ou de saneamento, mas de luta pelo poder político. Isso alfás acontecerá rapidamente em todos os órgãos como já veremos adiante







Imprensa no Porto

No Porto há três diários de grande expansão: "O Primeiro de Janeiro", o "Comêrcio do Porto" e o "Jornal de Noticias". Enquanto este último, tem uma estrutura organizada, fortemente hieraquizada, e uma vasta triagem ta maior de todos os diários do país

contando, além disso com uma redacção jovent, numerosa e dinânica, que lhe permite fornecer uma informação pluralista, séria e diversificada, o "Primeiro de Janeiro" consegue penetrar uma

vasta rede regional (Coimbra, Aveiro, Viseu) e, embora com estruturas mais modestas, é também largamente lido e considerado suficientemente liberal. "O Comércio de Porto" é dos três o de menor tiragem, o menos "aberto", e também aquele onde as pressões partidárias (próximas do PC) se fazem sentir mais fortemente.

Em todos eles se deu uma movimentação de trabalhadores e os jugos partidários estas presentes

Avante (PC)

UEC (PC estudantil)

Povo Livre (PPD)

Combate Socialista (PRT)

Pró-UNEP

também em todos, tendo o "Primeiro de Janeiro" vindo a ser alvo da cobiça quer do PC quer do PS, nias podendo-se afirmar que o equilibrio está estabelecido.

"O Primeiro de Janeiro", é proposiciale de appara la proposiciale de la proposicial

propriedade de uma só pessoa que e ao mesmo tempo seu ad-ministrador e seu director. A re-

dacção é deixada mão livre. "O Comércio do Porto" foi bastante atingido pelas nacionálizações visto que 65% pertenciam so grupo Borges. Alentejo, Atlas, o "Jornal de Noticias" pertencia 97% à empresa proprietária do Diário de Noticias, pelo que foi totalmente nacionalizado.

A outra Imprensa

Mas não só de grande imprensa tive Portugal. Há também a im-prensa regional — que é todo um

mundo. Um mundo de an-tigamente. A maioria dos jornais de

provincia — que pertencem, quer a "senhores locais" quer à Igreja, di-ficilmente se adaptaram às novas

circunstâncias excepção feita para alguns. Tal assunto merece mais cuidadosa análise que tentarremos noutra oportunidade. Se esta é a

Algumas Publicações partidárias

imprensa do tempo que passou, há a imprensa do tempo que chegou, aquela que irrompe com o 25 de Abril. Temos, primeiro, aqueles jornais que, clandestinos, saem pela primeira vez à luz. Temos,

depois, os que conteçam, res-pondendo ao novo clima, às novas interrogações do público. Desde os orgãos partidários aos boletins de

fábrica, de escolas, de bairro, mui-

O Tempo e o Modo (MRPP)

Luta Proletária (LCI)

Unidade (MDP-CDE)

A Voz do Povo (UDP)

Grito do Povo (FEC-ml) Fronteira (LUAR)

A Voz do Trabalhador

Unidade Popular (PCP-m l)

A Ideia (Movimento Liber-

Revolução (PRP)

tário Português)

O Proletário

A Verdade

Um longo (e pesado) regime provisório

Sal, entretanto a 25 de Julho, a lei provisória da informação a que já nos referimos, afim de tentar regulamentar a liberdade de regulamentar a liberdade de imprensa que todos os corpos redactoriais dos jornais tinham reivindicado e estavam de facto a exercer. Pelo carácter (propositadamente?) vago da sua redacção (que fala em castigar "incitamentos ou provocações ainda que indirectos à desobediencia militar" e em "agresobre. que indirectos à desobediencia militar" e em "agressões ideológicas que contrariem o Programa do MFA") levanta este Programa do MFA") levanta este D/creto muitos protestos e dá coasião à aplicação de uma série de multas que alarmam os detentores das recém-adquiridas liberdades.

Depois de uma primeira multa (exemplar) ao jornal "Revolução". seguem-se entre outras, dusa ao EXPRESSO. uma à "República", outra ao "Raio" da Covilha, multa e a suspensão do "Luta Popular" e algumas multas à direita para equilibrar. De notar que isto se

passa sobretudo antes do 28 de Sepassa soprendo antes do comissão tembro, altura em que a comissão ad-hoc silenciou até à saida da recente Lei de Imprensa. De entre protestos ao Decreto

De entre protestos au Decreto salientamos o dos redactores do "Diário de Lisboa" que, em dois textos separados — um subscrito por 35 nomes, outro por 10. se pronuncia sobre o assunto. Transcrevemos algumas partes mais sigificativas, na medida em que representam os promeiros sinais públicos da divisão interna profunda que se passa no rais profunda que se passa no rais sinais públicos da divisão interna profunda que se passa no seio dessa redacção e que viria a marcar a posterior evolução deste periódico. Enquanto o texto subsemo pela maioria começa por "reafirmar a sua adesão nos pricipios basilares do Programa do MFA" para so depois "protestar contra a forma ambigua e perigosa como foi redigido o regulamento da Lei de Imprensa" (mesmo assim con "discordância" de Castrim que não acha nem ambiguo nem

começa por discordar "totalmente da posição tomada face ao Estátuto Provisório da Imprensa que consideram uma lei reaccionária e repressiva... Tanto as suas disposições como as multas já aplicadas ao seu abrigo demonstram que essa lei não visa silenciar agressões ideológicas dos meios reaccionários mas sim dificultar uma informação

perigosos, o texto da minoria começa por discordar "totalmente

ampla, correcta e fetual da mo-vimentação de massas populares nos seus aspectos fundamentais o surto reivindicativo e grevista e a luta anticolonial)... Essa lei

não ataca os grupos financeiros que dominam grandes orgãos mas sim a imprensa livre e progressista..." dizendo depois que "o documento aprovado pela maioria da Redacção reafirmando o pluralismo e a objectividade esconde a censura interna que se tem vindo a praticar e que tende a crescer nos órgãos de informação

A luta pelo poder

A tensão que este documento re-vela não é exclusivo do "Diário de Lisboa", mas será talvez nele que a escalada ideológica é mais nitida. consciência "de esquerda" era já rte no D.L. antes do 25 de Abril. Embora de quadrantes diversos, a redacção soubera unir-se para contestar o poder então exercido por Souto e Armindo Blanco, que conseguira afastar, elegendo uma chefia colectiva de três nomes (M. Azevedo, A. Pereira da Silva e Torquato da Luz) que. com o apoio de Lopes do Souto, iniciou um clima de "jogos e manobras" que dividiu a redacção e culminou com dividiu a redacção e culminou com dois despedimentos meses depois, votados por 15 contra 14. Como se vê, as forças iam-se extremando mas o equilibrio era ainda grande na altura, de tal modo que, quando se tratou, depois do 25 de Abril de se tratou, depois do 25 de Abril de Embora de quadrantes diversos, a

we, as lorças tam-se extremando mas o equilibrio era ainda grande na altura, de tal modo que, quando se tratou, depois do 25 de Abril, de eleger um Conselho de Redacção, a facção "esquerda conservadora" recorreu a todos os colaboradores do jornal para conseguir impor a sua lista que visa a ganhar. Saem entretanto para outros órgãos de informação 3 dos jornalistas de "esquerda independente" e regressam alguns "antigos" que reforçam a corrente "emedêpê" (para simplificar). Os que detêm as cheñas se não são os mais competentes, são os mais poderosos e assiste-se assim a uma queda vertical na qualidade do jornal que se traduz aliás na curva de vendas que pudémos obter: Se em Janeiro de 74 tiravam 38 000 e em Maio desse ano 79 000, vemos a curva baixar regularmente até Setembro baixar regularmente até Setembro mês, em que, graças a Spinola, dá um saltinho, — para recomeçar a descer vertiginosamente, a partir de Decembes neste momento nuns parcos 32 000 exemplares de tiragem.

A censura interna cresce na proporção, do enfranquecimento da esquerda "não emedêpê". Significativos alguns cortes em comunicados de partidos quando criticam o PCP ou a Intersindical!. assim como os feitos a referências anti-colonialistas em Julho de 74... Apesar de tudo, e embora em qua-se, os lugares chaves estejam redac-tores só de uma facção (reforça-dos — como aliás é nítido pelo tom geral do jornal-' é significativo de algum mal-estar o facto de a lista "independente" ter perdido, na vo-tação para o Conselho de Redacção feita há dias, apenas por cinco

Para além deste caso exemplar de "assalto" partidário, serão os casos de "O Século" e da "República" os dois onde a luta pelo poder é mais midante. O 25 de Abril vai encontrar no

"O Século" uma redacção pouco politizada, em que os activistas de "esquerda independente" facilmente dominaram, levando à eleimente dominaram, levando à elei-ção de um primeiro Conselho de Redacção não partidário. A cisão na Redacção dar-se-à quando a exigência de saneamento de Manuel Figueira (acusado de comprometimento com o grande capital), não é apoiada nela maioria. Mas será durante os dias maioria. Mas será durante os dias de greve/lock-out que o sector "emedêpê" da redacção marcará os seus pontos, através de históricos discursos, desmobilizando os trabalhadores que tinham votado a saída de um "jornal de greve" e conseguindo arregimentar e controlar uma força que, nos primeiros dias parecera incontrolável. O reconhecimento (por uma comissão de trabalhadores). uma comissão de trabalhadores) da situação financeira caôtica da empresa que sucedera à que de Jorge de Brito, e a prisão de alguns administradores em Dezembro levou finalmente à demissão de toda a administração e do director. Passa então o jornal por uma fase de administração "populista" (curto reinado de Francisco Sousa Ta-

reinado de Francisco Sousa Ta-vares que entra como ad-ministrador pelo Estado/BIP) que, se não teve a vantagem de resolver os problemas financeiros (irresolúveis), permitiu uma pausa que o PS aproveitou para tomar posições que ainda conserva. Parece ser o facto de o núcleo do OS contar com — ao que ela afirma. PS contar com — ao que ele afirma — 200 trabalhadores (em 800) que — 200 trabalhadores (em 800) que levou o sector "emedépé" — agora com franco predominio na Redacção, mas não no onjunto dos trabalhadores (que se aliam facilmente em votações com o sector "independente" da redacção a forçar a recente votação para não realização de sessões de esclarecimento político no interior da empresa. Deve-se também a

iniciativa "emedēpēs a recente entrada de um trabalhador para a administração.

Um sintoma de certa insegurança deste sector é o retomar da ideia de "participação crítica dos trabalhadores" que fora lançado logo no principio pela esquerda "não-emedēpē", agora con, modo de reforçar as suas fornias de intervenção.

Embora o que ressalta do tom

fornias de intervenção.

Embora o que ressalta do tom
geral do jornal seja de facto um
predominio ideológico de um
sector "emedêpê", tal não parece
definitivamente adquirido, visto a
recente votação para o Conselho de
Redacção ter resultado em 33 votos
a favor do actual Conselho contra
31 (lista independente). E, pois, um
reinado instável, embora, de
momento, aparentemente adquirido.

que, por outro lado, o relevo dado à extrema-esquerda, não podia senão ser uma manobra anti-PC. Saem uns jornalistas em virtude do mal-estar que se cria, entram 3 novos que reforçam o sector PC. O Conselho de Redação, com dois lugares vagos (desde a passagem de Praça a sub-chefe e da saida de Guerra para a TV) não consegue preencher-se em virtude de des. que, por outro lado, o relevo dado à preencher-se em virtude de desnetendimentos profundos que não cessam de vir à tona. Em Novembro atinge-se o auge da discussão partidária quando um artigo de António Reis contra a transformação do MDP em Partido se vê aprovado em redacção e reprovado numa RGT convocada à pressa pela tipografia para o efeito. A facção PC apresenta a proposta de uma "comissão de controle netendimentos profundos que não de uma "comissão de controle ideológico" (retomar da ideia da "participação critica" de O Século) e é afirmado em reuniões tem-pestuosas que a "censura e boa quando é feita ao serviço dos tra-

A tensão mantem-se, com os-

Na "República". o caso foi outro. Ao contrário dos outros jornais, o 25 de Abril, em vêz de despertar o espirito reivindicativo, reforçou uma unidade já existente. E preciso chegar a Junho/Julho para se começar a assistir aos primeiros assomos partidários. Começam a surgir as primeiras acusações de que o jornal dava preferência à matéria sobre o PS e que, por outro lado, o relevo dado à que, por outro lado, o relevo dado à

cilações — mas o afrontamento é claro — até que, em Janeiro, se elege um Conselho de Redaceão.

claro — ate que, em Janeiro, se elege um Conselho de Redacção, composto de PS e de independentes. Desde al, a luta silenciou, e a linha "antiga" parece ter retomado o controle, retomando a "República" o tom "socialista" que sempre mais ou menos a caracterizara.

No "Diário de Noticias" assistesse a uma hegemonia "cupulista" de partidos enquanto, na base, se passa uma luta por condições de trabalho e saneamento, por parte dos trabalho e saneamento, por parte dos trabalho e saneamento, por parte dos trabalhadores em geral e uma certa indiferença por parte da redacção. Só essa indiferença explica, aliás, que o "Diário de Noticias" podesse, de 24 para 25 de Abril, mudar como mudou com a mesma gente a escrevê-lo, passando depois por uma fase socialista (com Ribeiro Santos e José Carlos Vasconcelos lá postos como director e sub-director pela mão de Raul Rego, então ministro) e, serenamente, entrando na actual fase, mais "ortodosa" mais

e serenamente, entrando na actual fase, mais "ortodoxas", mais oficiosa, sob a direcção de Luis de Barros e de José Saramago, vo-tados em plenário de tra-balhadores. Na "Capital": que conta talvez com a mais "profissional" das re-dacções (no sentido de tec-nocrática), encontra-se, desde o início, uma vontade de passar do jornalismo mais sério, embora continuado a inícitir estado. continuando a insistir na reportagem e na variedade noticios caracterizava o jornal. En-contra-se, desde logo, nos re-dactores, uma preocupação de lutarem por mais qualidade de-finidos, em termos de definindo-se em termos de "an-ti-lascismo" e não mais, unindo-se por momentos, contra a "maioria silenciosa" por exemplo, mas sem grandes tomadas de posição de principio. Assiste-se depois a uma principio. Assiste-se depois a uma progressiva radicalização que se traduz num "Programa de Candidatura" apresentada pela única lista concorrente ao Conselho de Redacção, agora eleito. Depois demissitir na necessidade de um jornalismo de qualidade, laia nas várias trentes de luta que competem ao jornalista, denunciando a concepção "tecnocrática e mediorre de empresa comercial" com diocre de empresa comercial" com que por vezes se encara o conceito de "independência ideológica". de "independencia ideológica"; insistindo na necessidade de "adaptar o jornal às necessidade presentes das massas populares". Propoè contribuir para a formação pernanente dos trabalhadores da informação e das massas em geral e anuncia um "Congresso Capital" de livre discussão. Pode dizer-se

que e o cuano da capital onde o pluralismo ideológico é mais real.

No "Diário Popular", devido ao modo como se iniciou a condução da luta dos trabalhadores não pode dizer-se que haja afrontamentos partidários, o que o torna, de certo modo um caso único e que merece particular atenção. Numa redacção que, antes de Abril, era despolitizada a 70%, assiste-se a uma imediata unidade dos trabalhadores de todos os sectores que dizeado não ao saneamento (de trabalhadores), reforça de todos os modos os aliança entre eles, constituindo uma frente de luta. Define desde logo uma Política de Salários — que leva à diminuição do leque (que ia, na altura de 2500 a 40 000 escudos), baixando ordenados de administradores e director, retirando gratificações. Procede sempre de modo democrático e mesmo "legalista", o que permite uma adesão de grande parte dos redactores, anteriormente conservadores.

As lutas até agora travadas têm sido poucas, mas seguras. Em Setembro deu-se um afrontamento causado pela publeação das bases programáticas do CDS. A Comissão de Trabalhadores opôs-se e ganhou (publicou-se um resumo apenas). Num recente plenário a presentaram-se para discussão as bases da "Orientação Política" do Jornal. De pendor nitidamente populat, progressista, e apartidário, encontraram um eco que denota uma boa preparação das bases.

que denota uma boa preparação das bases.

que denota uma boa preparação das bases.

Ao falarmos de luta no seio dos orgãos de informação, não podemos esquécer o sentido da que foi travada pelos trabalhadores do "Jornal do Comércio" que, em Setembro, motivou a primeira greve geral da imprensa de que temos memória (apenas a ela não tendo aderido "O Século" que, no entanto, loi impedido por piquetes de sair para a rual. A sua luta foi exemplar porque era realmente dirigida contra as imocadas estruturas, fascistas, ainda incolumes, Nessa medida, foi pois, um simbolo.

O Sindicato dos Jornalistas que tem tido, ahías, desde o 25 de Abril, im papel hesitante, não tendo nem a anterior direcção nem a última tem descualmente demissionaria, tido o

anterior direcção nem a última (actualmente demissionária) tido o dictuarmente demissionária) tido o dinamismo que seria para desejar, desaprovou — no habitual tom de "por um lado, isto, por custro aquilo", a que este Sindicato mos tem habituado — o modo como a greve lora decretada, chimando a atenção para to perigos e desamagems da attenção de imformação.

Telas Transportadoras em Polyester e PVC ou outros materiais sintétic

0

Para transportadores,

elevadores de alcatruzes, etc.

GUSTAVO CUDELL, LDA. PORTO-Rua do Bolhão, 157 LISBOA 5-Avenida do Biasil, 88 A/8

SIEGLING TRANSILON

Esquerda Socialista (MES) e agora (Até Maio?) "Poder Popular" Manifesto (MES) Portugal Socialista (PS) Democracia 74 (CDS) Monarquia Luta Popular (MRPP) Uma lei esperada mas contestada

Sai entretanto - e depois de un Sai entretanto — e depois de um debate público a que se seguiu prolongado silêncio... — a Lel de Imprensa. Trate-se do Decreto-Lei 85-C-75, de 26 de Fevreiro que define a liberdade de imprensa (art. 4°) e os seus limites(art. 29 e 60) garante o direito de difusão. — o qual entretanto fora bastante atropelado por tinógrafos a grande de desenvalor de de desenvalor de de desenvalor de de desenvalor de desenv qual entretanto tora bastante atropelado por tipógrafos e ar-dinas, recusando-se a imprimir ou distribuir textos que não eram do seu (dele, Partido) agrado. Dum desses boicotes foi o EXPRESSO

vitima, como talvez se lembrem de ter visto na televisão. Procura a lei garantir também a independência do jornal em relação ao Es-tado-Parrão (art. 9, muito actual agora) e dos jornalistas em relação agora) e dos jornalistas em relação à direcção e administração (art. 21, 22 e 23). No entanto, o director é escolhido pela administração e o chefe de redação é escolhido pelo director... E a alteração do carácter ideológico da publicação — razão que permite ao jornalista desligar-se desta — tem de ser definido pelo Conselho de Im-prensa...

Também nessa Lei se institui o Conselho de Imprensa, com numerosas funções: colaborar na

elaboração da legislação anti-monopolista prevista no art. 8º e acompanhar a sua execução; emi-tir parecer sobre política de in-lormação; pronunciar-se sobre naformação: pronunciar-se sobre na-téria de deontoligia e de respeito pelo segredo profissionalCr. organizar e divulgar o controle de tiragem e divusão das publica-ções...; verificar a alteração de orientação dos periodos...; Etc. Etc. Esse Conselho acaba de ser formado com a seguinte com-posição:

residente: — Juiz desembargador Henrique José da Fonseca Ra-

malho Ortigão. Elementos do MFA: — Major António Namorado Freire, capitão José Nunes de Santa Clara Gomes, capitão Nuno Álvaro dos Santos Silva,

Silva.

Jornalistas: — António dos
Santos Ribeiro. Carlos Alberto de
Veiga Pereira. João Joaquím
Gomes. Manuel António Mota de
Pina. Manuel María da Silva
Costa. Maria Antónia Santos Palla
e Carno.

Representantes de empresas pradisticas: — Francisco Pinto jornalisticas: — Francisco Pinto Balsemão (Imprensa não diária), Adriano Mário da Cunha Lucas Umprensa diária.

Directores de Publicações

(Diário e n/diária): — dr. Fernando Teineira — director (Publicações diárias). dra. Maria Adelaide Almeida e Paiva — directora (Publicações não diárias) Representantes dos Partidos de Coligação: — PCP — de Armando da Silva Carvalho, PSP — Alberto Arons Braga de Carvalho, MDP/-CDE — Manuel Rodrigues Monteiro de Azevedo, PPD — de Adolfo Norberto Lopes.

Este Conselho, no entanto, não reuniu nunca até agora.

Ao mesmo tempo, criou o Ministro da Comunicação Social um outro Conselho, a que chamou Nacional da Informação, que não estava previsto na lei e que reune semanalmente sob a sua presidência. Constituem-no o Ministro e o Director-Geral da Informação, os representantes do Estado (na sua maioria militares) nos óregos de maioria militares) nos órgãos de informação (ANI, emissoras, TV e jornais) e umas pessoas da con-fiança do ministro, como César Oliveira, José Saramago, um psicólogo... e ao que sabemos de momento mais ninguém. Este Conselho nomeou agora um grupo de trabalho para estudar a reestruturação da grande imprensa (descentralização, aglutinação, etc.)

Panorama

Deste rápido panorama da grande imprensa, temos em re-

grande imprensa, temos em re-sumo o seguinte:
"Diário de Lisboa" — Pro-priedade: cerca de 2/3 Ruella Ramos/Souto, 1/3 (que era BNU) nacionalizado. Direcção: Ruella Ramos, José Cardoso Pires. Chefia: Veiga Pereira. Adminis-trador por parte do Estado: Go-nçalves Pereira. Cons. Redacção: Eugénio Alves, Pedro Alvim, Manuel Azevedo, José Salvador. Redacção cerca de 30 elementos. Pequena tiragem. Partidário (pró-PC).

Os jornais que, depois das nacionalizações, se podem dizer in-dependentes (financeiramente) são apenas, além do nosso semanário. a "República" e o "Primeiro de Janeiro". Ideologicamente falando. poderão considerar-se mais clara-mente apartidários (além do nosso, mais uma vez), "A Capital", o "Jornal de Noticas", "Diário Popular" — A masona (grupo Quina/Borges) foi na-

cionalizada. Director interino:
Manuel Magro, demissionário.
Conselho de Redacção constituído
por Abel Pereira, Jacinto Baptista,
Baptista Bastos, Angelo Granja,
José de Freitas, Rodrigues da
Silva. Novas eleições para a semaña.
Comissão de Trabalhadores (40
pessoas) omnipotente: Apar-

pessoas) omnipotente. Apar-tidário, democrático e popular — principios em definição neste momento. Redacção — cerca de 46

momento. Redacção — cerca de 46 pessoas. Tiragem 90 000.

"A Capital" — Propriedade: diversos accionístas, parte nacionalizada. Director David Mourão Ferreira. Chefe de Redacção: Rodolfo Iriarte. Conselho de Redacção: Almeida Martins, João Vaz. José Goulão, Nunes Cordeiro. Pina Cabral. Novo "Programa" de acção agora definido. P do la cação agora de finido. P do la cação agora de finido de pequenos accionistas, nenhum com mais de 10%. Director: Raul Rego. Chefe de Redacção:

Conselho de Redacção: Helena Marques, Arons de Carvalho, Edmundo Perdiz, Mário Mesquita e José M. Barroso, estes dois úl-timos saídos agora para o "Jornal Novo", predomínio PS). Conselho do Jornal (na tipografia, pre-domínio PC). Tiracem. 50 (20).

do Jornal (na tipografia, predomínio PC). Tiragem: \$0 (000).

"O Século" — Era BIP, nacionalizado. Administração: major Aventino. Direcção: Adelino Tavares da Silva. Conselho de Redacção: Urbano Tavares Rodrigues, Galvão Correia, Altino Tojal, F. Baião, Adelino Tavares da Silva. Predomínio linha pró-PC. "Diário de Noticias" — Nacionalizado (Caixa Geral de Depósitos). Administração: Marcelino Marques. Direcção: Luís de Barros, José Saramago. Conselho de Redacção: não há. Recupera a passos largos o seu ex-carácter

passos largos o seu ex-carácter "oficioso". Tiragem: 120 (XX).

Apontaremos apenas o recém-nascido "Jornal Novo" de que não nodemos falar no passado mas de podemos falar no passado, mas de que esperamos poder vir a falar no futuro.

A Imprensa Nasceu a 25 de Abril

Uma apreciação da Imprensa que nos temos? É dificil, porque participamos dela, das suas dificuldades, das suas imaturidades.
Os jornalistas nasceram em Portugal no dia 25 de Abril (ou quase) e a atrie leva um temos a quase) e a atrie leva um temos a conservações (l'abece nada veio), a uma traste falta de humor (a "Mosca" fui-se e nada veio), a uma traste falta de humor (a "Mosca" fui-se e nada veio), a uma traste falta de humor (a "Mosca" fui-se e nada veio), a uma traste falta de humor (a "Mosca" fui-se nada veio), a uma traste falta de humor (a "Mosca" fui-se nada (a magnata de la quase) e a arte leva um tempo a

quase) e a arte leva um tempo a municados", é o que a imprensa municados", é o que a imprensa



portuguesa é, dizia Sartre). E depois, pessoas fugiram dos jornais porque há agora mais tribunas sonde se exprimant: os partidos, por exemplo, a televisão. E assim, há os que saiem (dos jornais) para irem fazer o seu jogo partidário e há os que entram (nos jornais) exactamente para a mesma coisa. Poucos são os que la estão para Poucos são os que la estão para Poucos são os que lá estão para fazerem jornalismo a sério. Ou menos do que seria preciso, pelo menos... Quando será que as pessoas se convencem que não e pessoas se convencem que não e nos partidos (só) que está a sal

nos parintos (30) que esta a sarvação?
Nota: Ficou ainda, a Râdio e a Televisão por tratar, assim como a Imprensa Regional. Esperamos voltar a elas em breve.

Helena Vaz da Silva

